



Licenciatura em
**ARTES
VISUAIS**
com ênfase em
DIGITAIS

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia

GRAFITE: COMUNICANDO A VIDA EM CORES E FORMAS

Barthyra Albuquerque Pinheiro Rocha

Gravatá

2021

BARTHYRA ALBUQUERQUE PINHEIRO
Grafite: Comunicando a vida em cores e formas

Monografia apresentada junto à Unidade de Educação a Distância e Tecnologia – EADTec/UFRPE como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientador(a): Amália Rolim

Gravatá

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R672g

Rocha, Barthyra Albuquerque Pinheiro

Grafite: Comunicando a vida e cores e formas / Barthyra Albuquerque Pinheiro Rocha. - 2021.
35 f.

Orientadora: Amalia Rolim.

Inclui referências e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Artes Visuais, Recife, 2021.

1. Arte. 2. Comunicação visual. 3. Grafite. I. Rolim, Amalia, orient. II. Título

CDD 700

FOLHA DE APROVAÇÃO

Barthyra Albuquerque Pinheiro Rocha

Grafite: Comunicando a vida em cores e formas

Monografia apresentada junto à Unidade de Educação a Distância e Tecnologia – EADTec/UFRPE como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Aprovada em __/__/____ (data da apresentação)

Banca Examinadora:

Me. Amália Maria de Queiroz Rolim – UFRPE

Dr. Felipe de Brito Lima - UFRPE

Me. Rafael Pereira de Lira – UFRPE

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família e a Deus que me fortaleceram e me deram inspiração cada vez que os obstáculos se apresentavam diante de mim.

AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo, Fernando Rocha e meus filhos, Esther e Nathan, por estarem comigo em todos os momentos;

Aos meus professores e orientadores, por me conduzirem no caminho do conhecimento e na busca dos saberes;

Ao meu Deus, Autor da vida, o maior artista e arquiteto do Universo.

RESUMO

A comunicação é um dos meios que o ser humano se utiliza para dizer o que pensa, o que sente, o que deseja. Para se comunicar o homem desenvolveu estratégias como os desenhos, a escrita, os símbolos e isso, com a tecnologia ficou cada vez mais aprimorado. Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é buscar analisar o impacto visual e comunicativo que a arte do grafite exerce sobre o indivíduo na sociedade brasileira. O referencial teórico contemplou discussões acerca de uma análise, histórica e a origem do grafite em diversas sociedades; diferenciar os termos de pichação e grafiteagem numa perspectiva teórica; identificar os efeitos positivos e negativos das expressões artísticas em lugares urbanos. Os procedimentos metodológicos adotados consistiram em uma metodologia qualitativa, de natureza exploratória, pois foram realizadas pesquisas bibliográficas em artigos, periódicos e *sites* que tratam da temática. A técnica utilizada foi a entrevista semiestruturada, com um roteiro de perguntas para entrevistar o grafiteiro e rap, conhecido em Caruaru como Nino do Rap. Os dados obtidos indicam que os artistas do grafite, em Caruaru e região, necessitam de um apoio maior para que a divulgação e a disseminação do seu trabalho tomem o espaço do preconceito ao mesmo tempo em que ganha espaço nas paredes das periferias e das áreas urbanas das cidades. Como não há esgotamento no conhecimento, este trabalho pretende contribuir para que outros sintam-se desafiados e impulsionados a buscar investigar mais a respeito das questões que envolvem a comunicação visual por meio da arte do grafite.

Palavras-chave: Arte. Comunicação Visual. Grafite.

ABSTRACT

Communication is one of the means that human beings use to say what they think, what they feel, what they want. To communicate, man has developed strategies such as drawings, writing, symbols and this, with technology, has been increasingly improved. Thus, the general objective of this work is to analyze the visual and communicative impact that graffiti art has on the individual in Brazilian society. The theoretical reference included discussions about an analysis, history and the origin of graffiti in various societies; differentiate the terms of graffiti and graffiti in a theoretical perspective; identify the positive and negative effects of artistic expressions in urban places. The methodological procedures adopted consisted of a qualitative methodology, of an exploratory nature, as bibliographic research was carried out in articles, journals and websites that deal with the subject. The technique used was a semi-structured interview, with a script of questions to interview the graffiti artist and rap artist, known in Caruaru as Nino do Rap. The data obtained indicate that graffiti artists, in Caruaru and region, need greater support so that the dissemination and dissemination of their work take the space of prejudice while gaining space on the walls of the suburbs and urban areas of cities. As there is no depletion of knowledge, this work intends to contribute so that others feel challenged and impelled to seek to investigate more about the issues that involve visual communication through graffiti art.

Keywords: Art. Visual communication. Graphite.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 GRAFITE: HISTÓRIA E CONQUISTA	12
2 GRAFITE x PICHÃO: CONTROVÉRSIAS DA COMUNICAÇÃO VISUAL	15
3 GRAFITE: O QUE ESSA ARTE COMUNICA?	18
4 METODOLOGIA	21
4.1 ELEMENTOS DA LINGUAGEM NA ARTE DE NINO DO RAP	22
4.2 RELATO DE RESULTADOS	24
CONCLUSÃO	26
REFERÊNCIAS.....	28
ANEXO	30

INTRODUÇÃO

Sendo a comunicação um dos elementos básicos da relação humana, faz-se necessário o aprofundamento de estudo das artes visuais no que diz respeito às manifestações artísticas, culturais, sociais e políticas entre outras áreas. O grafite passa a ser um objeto de estudo que fomenta discussões antagônicas para explicar a sua natureza, para tanto, o presente trabalho se propõe a pesquisar como fenômenos que comunicam aspectos subjetivos em sua forma e cores podem produzir diferentes pontos de vista a partir de seus signos e significados.

A escolha desse tema se deu a partir de um olhar voltado para elementos que a arte apresenta, tais como: cores, formas, expressões, dimensões, entre outros significados que ela transmite, proporcionando ao indivíduo diversas interpretações de acordo com o contexto em que ele está inserido.

A partir das diversas experiências no campo das artes visuais a problemática dessa pesquisa segue com enfoque na seguinte questão: Quais os impactos que a arte do grafite provoca na sociedade brasileira?

Nessa perspectiva, o presente trabalho traz como objetivo geral a proposta de analisar o impacto visual e comunicativo que a arte do grafite exerce no chão da experiência do artista grafiteiro. Atendendo aos objetivos específicos este trabalho está estruturado em três momentos, quer sejam eles: no primeiro momento será feita uma breve análise histórica do grafite em algumas sociedades. Em seguida, buscar-se-á, compreender, a partir de uma fundamentação teórica, a diferença entre o termo pichação e o termo grafite. Por fim, sem a pretensão de esgotar a discussão, buscar-se-á identificar quais os impactos e os efeitos positivos e negativos que as expressões artísticas do grafite provocam em lugares públicos.

A abordagem metodológica para a realização deste trabalho de conclusão de curso é de natureza qualitativa com análise de conteúdo, para isso foram selecionados estudiosos, teóricos e pesquisadores na área da temática em estudo.

O primeiro capítulo está fundamentado em um breve histórico de conquistas no espaço social, da cultura e valorização da arte do grafite num contexto internacional e nacional. O segundo capítulo apresenta uma discussão a respeito do entendimento dos termos grafite e pichação, num âmbito social, cultural, artístico e político, bem como os aspectos que caracterizam um e outro. Por fim, o terceiro capítulo apoia-se

nas ideias de teóricos e pesquisadores que se debruçaram para destacar a importância da linguagem visual comunicativa da arte do grafite.

Os conhecimentos e saberes adquiridos durante a realização deste trabalho de pesquisa fundamentam as ideias de que é necessário um apoio mais preciso, para que a arte do grafite seja disseminada como uma ferramenta educativa e artística que valoriza a cultura e a arte urbana.

1 GRAFITE: HISTÓRIA E CONQUISTA

Cultural e historicamente existe uma vasta discussão no campo teórico e social sobre a linguagem comunicativa no que diz respeito ao grafite enquanto artes visuais, sendo assim, essa discussão tem uma trajetória histórica que começa na era paleolítica. Nesse período os povos utilizavam de pinturas em cavernas para a comunicação e representação da vida cotidiana e religiosa. Contudo, nos dias de hoje, pinturas em paredes estão presentes em grandes cidades, não se limitando mais as cavernas e locais fechados, mas agora em pinturas produzidas nos espaços públicos dos grandes centros urbanos, trazendo grande impacto com suas dimensões e colorido. Para alguns a grafiteagem é uma manifestação artística, em contrapartida, para outros não passa de poluição visual e vandalismo.

O grafite está ligado diretamente a vários movimentos, em especial ao Hip Hop. Para esse movimento, o grafite é a forma de expressar toda a opressão que a humanidade vive, principalmente os menos favorecidos, ou seja, o grafite reflete a realidade das ruas. (PERCILIA)

Esse tipo de manifestação artística, surgiu em meados dos anos 70 em Nova Iorque por jovens que começavam a deixar suas marcas nas paredes das ruas. Essas marcas evoluíram para técnicas e desenhos. A origem da pichação tem seu nascimento nos anos 60 na França num movimento de revoluções estudantis que protestavam contra o governo.

Conforme Bourguignon e Sarmiento (2019 apud DIEGUEZ, 2008, p. 306) os jovens estadunidenses do Bronx buscaram com o *graffiti* uma maneira de ganhar visibilidade coletiva na sociedade, já que eles eram de bairro pobre, a condição social deles os levou a investir numa forma de serem reconhecidos, sem contar que ganhariam autonomia de expressão como grupo pertencente a um contexto social marginalizado.

Souza (2019) relata um pouco dessa origem do grafite enquanto arte, mas não apenas um viés artístico é percebido nessa forma de comunicar-se e expressar-se de maneira livre, sem necessariamente estar preso a uma tela ou galeria de arte. A arte de grafitar, segundo o autor tem uma relação com o Hip-Hop que se utiliza das letras musicais para denunciar as atrocidades dos dominadores sobre os dominados na sociedade. Segundo ele “[...] Para representar isso graficamente o grafite é usado aqui

como uma extensão visual desse clamor que denuncia esse caos social evidenciado pelo movimento Hip-Hop”.

Nesse contexto os grafiteiros conseguem difundir na sociedade um impacto bem maior, pois passam a expressar sua arte em espaços abertos, paredes livremente disponíveis, em lugares de grande movimentação e fluxo de pessoas (SOUZA, 2019). Ou seja, o alcance comunicativo dessa arte pode chegar além do que se imagina, não tem limites, uma vez que seu maior objetivo é fazer com que os receptores façam um exercício reflexivo sobre a realidade em que estão inseridos para transformá-la.

No Brasil não foi diferente, visto que, o contexto histórico e as lutas sociais fortaleceram ainda mais a efetivação da prática dos artistas. A expressão artística evidenciou-se e ganhou forma utilizando temáticas políticas que na época estavam relacionadas aos movimentos ditatoriais do governo vigente que com o uso da força censuravam qualquer tipo de arte que se opunha a ele.

O grafite ingressou no país no final da década de 1970 especialmente no Estado de São Paulo influenciado pela cultura norte-americana. Vale lembrar que vivíamos um período marcado pela censura provocada pela ditadura militar, por isso os grafiteiros foram extremamente corajosos e transgressores. (FUKS)

Em meio a tantas confrontos e conflitos entre dominadores políticos e artistas, o segundo grupo não se rendeu às ameaças e ao medo, pois a “violação” do espaço urbano poderia redundar em punição. A insistência em apresentar a arte do grafite como valor cultural, histórico e social fortalecia ainda mais as classes sociais envolvidas no movimento.

Souza (2019) acredita que “A ressignificação do contexto urbano é o que mais perturba quem descaracteriza a arte de rua, esse tipo de juízo negativo sem fundamentação é fruto de preconceito [...]”. Nessa perspectiva, percebe-se que não apenas as questões políticas são fatores proibitivos para a expressão urbana do grafite, mas nota-se que o preconceito pode ser um fator desencadeador de agitações no chão dessa arte, o que torna ainda mais desafiadora a luta pela conquista desse espaço.

A necessidade de mudar e transformar direciona o homem a buscar, inventar e se reinventar a cada geração. Sendo assim, a história e a cultura não prevaricam o homem de seus direitos de transformar a realidade nem tão pouco de transformar a

arte, pois “A arte é feita pelo homem, para o homem, a fim de transformá-lo enquanto homem; deste modo o homem se encontra em uma constante transformação.” (SOUZA, 2019).

2 GRAFITE x PICHANÇA: CONTROVÉRSIAS DA COMUNICAÇÃO VISUAL

Além da discussão sobre os estudos da origem do grafite no Brasil e no mundo uma polêmica vem à tona levando a uma diversidade de conceitos para explicar a diferença entre grafite e pichação. Ambos são manifestações expressas em ambientes de livre acesso popular, porém suas características e objetivos são antagônicos sendo capazes de movimentar e alcançar grupos, também, díspares.

Para Silva (2014) “As motivações que regem os dois também são diferentes para o grafiteiro, em grande parte a ideia é fazer uma arte que possa ser apreciada.”

Abreu, afirma:

Passados mais de 40 anos desde as primeiras manifestações do gênero, hoje podemos compreender que a pichação é fruto da necessidade dos jovens de deixar sua marca na epiderme da cidade. Desde sempre, o desafio foi um só: alcançar projeção. (ABREU, 2015).

Ainda sobre esse aspecto, Bourguignon e Sarmiento complementam:

Há de se traçar uma diferença conceitual entre o *graffiti* e a chamada pichação, pois apesar de em ambos o autor utilizar o suporte urbano e o mesmo material, as tintas, [...] uma das diferenças é que o primeiro advém das artes plásticas e o segundo da escrita, ou seja, o *graffiti* privilegia a imagem; a pichação, a palavra e/ou a escrita. (BOURGUIGNON e SARMENTO, 2019 apud GITAHY, 1999, p.19).

Nas considerações de Abreu (2015) “[...] Em linhas gerais, o grafiteiro é um ex-pichador que soube dar à tinta *spray* um propósito profissional. Nessa perspectiva

Silva (2014) também expõe suas ideias dizendo que “Boa parte dos grafiteiros são ex-pichadores que procuraram se especializar e fazer trabalhos mais complexos”.

Há uma necessidade de se compreender as formas de expressões desses dois movimentos, pois a pichação traz em sua coluna histórica a ideia do vandalismo, um fenômeno provocado pela forma como se expõe as ideias dos pichadores, suas letras deformadas em grande número, em qualquer lugar das cidades. Os espaços urbanos usados pelos pichadores são variados sem levar em consideração se é público ou privado; mediante isso, os autores das representações têm suas regras e desafios.

Na regra da pichação, vence aquele que conseguir inscrever a sua *tag* (assinatura), o maior número de vezes, onde todos possam vê-la. Quanto

maior o número de assinaturas, e mais alto elas estiverem, maior é o prestígio de seu autor. (ABREU, 2015).

Enquanto o pichador busca reconhecimento pelas suas assinaturas o grafiteiro enfrenta inúmeros desafios, um deles o preconceito pela sua arte. Levando em conta que todo tipo de arte busca comunicar algo a partir de suas características peculiares o grafiteiro tem algo a comunicar aos que recebem a mensagem. Sobre isso Lopes e Simões (2011, p. 9) afirmam que “É nessa etapa vital do processo criativo, que o comunicador visual exerce o mais forte controle sobre seu trabalho e tem maior oportunidade de expressar o estado de espírito que a obra deseja transmitir.”

Assim como o grafite carrega na sua origem um cunho de expressividades sociais que vai contra as bases do contexto político da época em algumas sociedades americanas e no Brasil, a pichação tem sua ascendência por volta do final dos anos 1960, em Paris, na França. O movimento estudantil valida suas revoluções e protesta contra o governo parisiense fazendo escritas em muros e prédios públicos. (ABREU, 2015).

Percebendo que a pichação não seria a melhor técnica para comunicar visualmente o que pretendiam, outros jovens envolvidos nesse círculo resolveram deixar a pichação e enveredar pelo caminho do grafite, buscar novas experiências e novos conhecimentos. A profissionalização da arte os impulsionou a encarar o desafio de aprender e aprimorar as técnicas que envolvem essa arte. (Ibid).

“No esquema comunicação, podemos entender que, a princípio, o *graffiti* pode representar um diálogo entre o *writer*, emissor da mensagem e o receptor, o cidadão comum que passa pela cidade urbana”. (BOURGUIGNON E SARMENTO, 2019, p. 316). Indiscutivelmente, somos seres comunicativos, dotados de uma habilidade que não foi dada a outros seres vivos. Apenas nós, seres humanos, temos a capacidade de nos comunicarmos das mais variadas formas possíveis.

Somos dotados de capacidade comunicativa, as cidades são antros de comunicação, vendo dessa forma, os grafites espalhados em meio a mesmice urbana são mais que uma arte crítica e contemplativa, pois além disso, os grafites são instrumentos comunicacionais. (SOUZA, 2019).

O artista que desenvolve um trabalho de comunicação visual é detentor de conhecimentos que o permitem transmitir e expressar sua arte a partir do que ele conhece, ou seja, sua composição artística não se limita apenas ao que lhe inspira.

(LOPES e SIMÕES, 2011, p. 9).

Para Bruno Bogossian (apud ABREU, 2015) “O grafite é a linguagem visual mais importante da primeira década do século XXI, e a que melhor se comunica com a juventude.”

3 GRAFITE: O QUE ESSA ARTE COMUNICA?

Enquanto desenvolve sua arte o profissional utiliza-se de elementos que são característicos da comunicação visual e “É a partir deles que se planejam e expressam todas as variedades de manifestações visuais”. (LOPES e SIMÕES, 2011, p. 10).

A expressão artística se dá através da comunicação visual fazendo uso da linguagem a qual “É percebida através dos órgãos dos sentidos”. (Ibid, p. 14). Nessa discussão abarcam-se as ideias filosóficas entre diversas teorias que definem a percepção de acordo com suas visões de mundo, de sujeito e de realidades.

A percepção se realiza num *campo perceptivo* e o percebido não está “deformado” por nada, pois perceber é diferente de fazer geometria ou física. Perceber é diferente de pensar e não uma forma inferior do pensamento. A percepção não é causada pelos objetos sobre nós nem é causada pelo nosso corpo sobre as coisas: ela é a relação entre elas e nós e entre nós e elas. O que torna possível e real essa relação? O fato de que nós e as coisas somos seres corporais. A percepção é um acontecimento ou uma vivência corporal mental. (CHAUÍ, 2006, p. 138 apud BARROS, p. 31)

Conclui-se que, perceber está relacionado com nossas experiências, conhecimentos, ideias, linguagem. Está, também, articulado com o mundo em que vivemos e que nos permite imaginar, criar e externalizar o que está em nossa memória.

A educação visual é uma proposta de promover na formação do profissional da arte, o incentivo da percepção do mundo das *formas* orgânicas, geométricas e artísticas com seus contornos, cores, tons, texturas e significados que compõem o iluminado mundo da humanidade. O mesmo mundo, que segundo Paulo Freire, só é mundo porque o homem está consciente disto. (BARROS, p. 57).

É essa condição que nos favorece para transformamos o lugar e o espaço onde vivemos, pois a capacidade que temos de perceber para transformar nos dá poderes, indiscutivelmente, concretos. Tornamo-nos capazes de ver, olhar, perceber, sentir, pensar, idealizar, mudar, realizar, enfim, somos sujeitos de potencialidades artísticas que nos governam e nos definem como seres comunicativos.

Aquele que não consegue enxergar, no grafite, uma nova forma de ver o mundo em que vive, continuará envolvido pela ideia de que a cidade tem que ser sempre cinza, com arranha-céus incolores, uniformes e inexpressivos. A arte visual do grafite

propõe-se a dar um novo significado aos espaços urbanos, isso tem sido uma luta histórica, social e cultural contra o preconceito. (SOUZA, 2019).

Para dar cor e forma ao espaço urbano a arte do grafite utiliza-se de formas e cores que dão vida, contam contos e pontos, histórias e memórias de uma sociedade em constante movimento. O artista lança mão de elementos tradicionais da arte visual que Githay (1999 apud BOURGUIGNON e SARMENTO, 2019, p. 316) chama de curioso: “Curioso pode ser o ‘falar’ do *grafitti*, já que, apesar de ter origem em um movimento popular, possui em sua forma e técnica embasamento da pintura, da letra e do desenho, formas artísticas tradicionais.”

A expressão “o ‘falar’ do *grafitti*”, como disse o autor acima citado, desperta o entendimento de comunicação, de algo que “fala”, transmite-se e refaz-se na mente de cada sujeito receptor/observador, isso é o que o grafite faz – comunica através de imagens, palavras, cores, formas, linhas e pontos, textos que se formam, se transformam e se reformam na imaginação de quem se depara com eles.

A imagem/texto transporta um sentido, aquele que é forjado e intencionalmente atribuído pelo criador/produzidor. Todavia, no momento do seu consumo/recepção, dá-se uma segunda oportunidade de criação, neste caso de recriação do texto, de manipulação, subversão, decomposição, negação ou assimilação do sentido original. Daí que muitos atribuam aos observadores/receptores um papel fundamental ativo neste processo, considerando que no momento observação/recepção têm lugar processos cognitivos, social e culturalmente orientados, que conferem sentido ao objeto percebido. É neste momento que surge a produção de sentido, a leitura do texto de acordo com os padrões coletivos e desejos dos atores. (CAMPOS, 2007, p. 38 apud BOURGUIGNON e SARMENTO, 2019, p. 320)

A interpretação dada ao que se vê nas paredes, muros e fachadas de uma área urbana, ou outro espaço cultural em que veiculam a arte visual, é subjetiva, e isso se dá porque segundo Campos (2007, p. 38 apud BOURGUIGNON e SARMENTO, 2019, p. 320) “A subjetividade da experiência singular ocorre no confronto entre o sujeito e o objeto invocando o capital de conhecimentos acumulados, as preferências estéticas, os objetivos da leitura, entre outras dimensões.”

A arte do grafite usa uma linguagem própria que busca provocar um impacto e despertar sensações no receptor/observador que o levem a refletir sobre o que percebe, o que vê. Ao se deparar todos os dias com a mesma imagem o receptor/observador passa a perceber diferentes coisas cada vez que se depara com aquela arte ao ponto de desenvolver uma relação com ela, suas representações

sociais, culturais, históricas e políticas passam a ganhar certo significado em sua leitura. Sobre isso Barros (p. 28) diz que “A relação dá sentido ao percebido e aquele que percebe, e um não existe sem o outro. Uma experiência dotada de significação.

O percebido é dotado de sentidos, faz parte do nosso mundo e de nossas vivências.”

Permitir-se envolver-se pelas imagens, figuras e representações expressivas do que o grafite busca comunicar comprova que “A *visão* vê as coisas concretas e visíveis, as imagens denominadas *naturais*; porém a mente aguçada olha o que a sensibilidade permite.” (Ibid., p. 56).

Barros (p. 35), também, afirma que “Tudo o que existe é mais do que a soma das partes que constituem cada coisa”, ou seja, cada elemento do desenho representado na linguagem comunicativa do grafite tem mais a expressar do que imagina a mente. Cada traço, cor, forma, textura, sentido figurativo ou literal dos desenhos, ou outros elementos em sua peculiaridade ou em conjunto com o todo é capaz de alcançar as pessoas e levá-las a comunicar-se com aquela arte.

A percepção se realiza num *campo perceptivo* e o percebido não está “deformado” por nada, pois perceber é diferente de fazer geometria ou física. Perceber é diferente de pensar e não uma forma inferior do pensamento. A percepção não é causada pelos objetos sobre nós nem é causada pelo nosso corpo sobre as coisas: ela é causada entre elas e nós, e entre nós e elas. O que torna possível e real essa relação? O fato de que nós e as coisas somos seres corporais. A percepção é um acontecimento ou uma vivência corporal e mental. (CHAUÍ, 2006, p. 138 apud BARROS, p. 31).

As ideias que decorrem do pensamento da autora representam a importância que deve se dar ao trabalho desenvolvido pelos artistas do grafite. Percebe-se que não é uma questão apenas de comunicar algo para que outros sofram a interferência intelectual, filosófica ou cultural das ideias do artista, pois sendo o grafite uma arte que comunica visualmente ela pode provocar no sujeito uma recepção passiva ou ativa, uma vez que o emissor tem perspectivas e faces diferentes do receptor, o qual objetivos diferentes do emissor no seu modo de comunicar e de perceber as coisas.

4 METODOLOGIA

A metodologia a ser abordada nesse trabalho de pesquisa será qualitativa; segundo Minayo (2001, p. 6) essa abordagem não se preocupa com quantificação, pois ela cuida em voltar-se para as questões do universo social que leva em consideração “Motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações”. Sendo uma pesquisa do tipo acadêmica sua natureza será exploratória, uma vez que, é um trabalho realizado como pré-requisito da formação do curso de graduação, estando embasada em estudos bibliográficos que constam de materiais, como: livros, artigos, periódicos, fotos e trabalhos acadêmicos disponíveis em *sites* que tratam da temática.

Sobre a natureza da pesquisa, Gil (2008, p.69) afirma que “Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo”. A técnica utilizada será uma investigação de desenvolvimento de material do artista, para isso será realizada uma entrevista (Anexo) com Nino do Rap, artista de Caruaru.

Será uma entrevista semiestruturada, uma vez que dá a possibilidade de se fazer um roteiro de perguntas com características mais subjetivas, levando o entrevistado a dar informações de maneira mais livre sem a necessidade de condicioná-lo a um padrão de alternativas que direcione suas respostas. (MANZINI, 1990/1991, p. 154).

A elaboração do roteiro para a estruturação das perguntas está norteadada pelos estudos bibliográficos realizados, ou seja, a partir das literaturas foi possível criar questionamentos que levassem o entrevistado a apresentar sua visão, suas experiências e seus conceitos sobre a arte do grafite, sendo ele, um praticante da arte.

A princípio as perguntas elaboradas carregam a intenção de investigar sobre a trajetória do artista e suas experiências iniciais com a grafiteagem, depois foram feitas perguntas nas quais ele pudesse expressar suas ideias e vivências na comunidade e suas percepções sobre as questões sociais que envolvem essa arte. O contato com o artista foi feito por meio de uma rede social, onde foram apresentadas as perguntas e ele por meio de áudio enviou as respostas para enriquecer e atender a necessidade da proposta deste trabalho.

Após a coleta e devolutiva das respostas foi realizada a análise dos dados os quais permitiram, a esta produção textual, a fundamentação das hipóteses elaboradas enquanto estava sendo realizada a pesquisa bibliográfica a qual, posteriormente, abriu caminho para o confronto entre a exposição da fala do artista com as teorias estudadas sobre os elementos da comunicação visual na arte e seus impactos sociais, sobretudo, do grafite.

4.1 ELEMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL NA ARTE DE NINO DO RAP

Nino do Rap, como é conhecido em Caruaru, não tem formação acadêmica, porém usa seus conhecimentos a partir das experiências que vivencia com a arte que desenvolve. O artista do grafite também é artista musical de Hip Hop. Desenvolve trabalhos sociais no Morro Bom Jesus (Caruaru), atualmente trabalha em uma ONG (Organização Não-Governamental) onde passa seus conhecimentos da música e do grafite para crianças e adolescentes da periferia da cidade.

O artista de Caruaru, Nino do Rap tem algumas de suas artes expostas pelo Morro Bom Jesus, periferia da cidade e paredes de escolas e creches. Ao ser indagado sobre os critérios que utiliza para pintar sua arte, como: formas, cores e outros elementos, ele afirmou que usa as formas geométricas para que as pessoas entendam que é necessário utilizar métodos no desenho para dar a ele uma forma “tridimensionada”, e que desenhar tem uma forma e o grafite outra. A respeito das cores disse gostar do preto e do branco mais do que das outras cores, mas que também usa as demais cores.

O grafite de Nino do Rap estampa algumas paredes em Caruaru e comunica questões sociais que ele considera relevantes, por isso, as divulga.

Para uma melhor visualização e interpretação de suas artes, logo a seguir, serão apresentadas algumas de suas obras.

Nas imagens a seguir o artista utilizou elementos da linguagem da comunicação visual, tais como: cores, linhas, formas geométricas, ponto para representar sua arte.

Na Imagem 1, o artista utiliza dimensões distintas ao evidenciar a escadaria para representar uma medida proporcional real. São utilizadas cores brilhantes, e o que se percebe ao lado do objeto visual representa em que cenário ele está inserido.

Na Imagem 2, foi utilizada a linha em suas formas básicas, o círculo, o triângulo e o quadrado. O círculo traz uma ideia de infinitude, o quadrado trouxe a ideia de retidão e repetição e o triângulo traz exatidão em sua forma.

Imagem 1



Imagem 2



Fonte: https://www.instagram.com/nino_do_rap_3soma/. Acesso em: 14/08/2021.

Nas Imagens 3 e 4 a representação das linhas é mais evidente, pois ele buscou dar movimento aos elementos apresentados. As linhas curvas são pontos em movimentos, ela não é estática, sua natureza traz liberdade e flexibilidade, tem propósito e direção.

Imagem 3



Imagem 4



Fonte: https://www.instagram.com/nino_do_rap_3soma/. Acesso em: 14/08/2021.

Nas Imagens 5 e 6 é possível perceber que o artista apresentou seu grafite em duas cores dando à arte as variações de tom, pelos os quais distinguimos as formas e imagens. A luz que incide sobre determinadas formas, traz o contraponto com o escuro. Utilizou as formas geométricas com um efeito tridimensional.

Imagem 5



Imagem 6



Fonte: https://www.instagram.com/nino_do_rap_3soma/. Acesso em: 14/08/2021.

4.2 RELATO DE RESULTADOS

Apesar de algumas dificuldades encontradas para contactar o entrevistado, considera-se proveitoso o trabalho de entrevista realizado para a elaboração deste texto, principalmente porque em suas respostas Nino do Rap conseguiu apresentar elementos que foram possibilitadores de uma expansão na discussão e na compreensão da realidade em que vivem esses artistas, como eles se veem e como acham que são vistos pela sociedade enquanto uma arte que a princípio desperta comportamentos preconceituosos em uns e admiração em outros.

Suas experiências, desde a infância, quando teve contato com o desenho, e posteriormente a aprimoração para o grafite, o levaram a ter uma visão diferente da comunidade da periferia, mas não só das comunidades carentes, pois olhar para uma parede em branco o inspira a transformar aquele espaço com sua arte e expressar as questões sociais que permeiam sua realidade.

O artista relata em sua entrevista que sempre teve interesse pela arte do grafite, por isso sempre achou interessante buscar mais conhecimento a respeito dessa arte.

Quando a pergunta foi direcionada a respeito da divulgação e disseminação da arte disse que a expressão é livre, não há planejamento, basta chegar em um local e se deparar com uma parede sem informação que ali ele olha em volta e cria sua arte, e que a disseminação da arte ainda é muito pequena na região em que vive.

Quando perguntado sobre o preconceito que sofrem ele disse que é uma reação de pessoas mais velhas, que não têm conhecimento a respeito da história da arte, mas que isso não o impede de prosseguir, apesar de ter um espaço de trabalho tão limitado.

A entrevista, bem como seus resultados, viabilizou uma experiência incomum provocando reflexões e tentativas de compreensão, ainda mais aprofundadas, dessa arte que comunica em cores, formas, texturas, linhas, pontos, entre outros elementos, a maneira como o artista vê o mundo e o representa.

Foi possível perceber que há uma necessidade de apoio no sentido de disseminar a arte do grafite como realmente ela se propõe a ser – comunicação visual através de cores, formas, imagens, expressões sociais, que levam o indivíduo a ler e reler a própria realidade em que vive.

CONCLUSÃO

Comunicar a aprendizagem e a percepção que se tem das coisas torna-se uma arte a partir do momento que se consegue levar o outro a perceber e expressar suas sensações. A arte é mesmo algo que leva o ser humano a sentir-se único, pois tornase capaz de expor suas próprias impressões a respeito do que está diante dos seus olhos.

A comunicação visual usa uma linguagem singular e ao mesmo tempo diversificada, há uma pluralidade de ideias, cores, formas, tons, imagens. Sendo o grafite uma atividade artística da do campo da arte visual, o artista busca, através dos elementos da linguagem preencher as paredes brancas dos centros urbanos, ainda que isso lhe custe algumas críticas e comportamentos preconceituosos da sociedade. Ele tem objetivos ao expressar-se usando tinta, pincel, *sprays*. Isso torna a arte cada vez mais empolgante, mais atrativa. A criatividade do artista é a sua própria história social. É a história do outro, da comunidade, da sua gente, das suas dores e conquistas.

O objetivo geral elaborado para a realização deste trabalho de pesquisa foi norteado com a intenção de analisar o impacto visual e comunicativo que a arte do grafite exerce sobre o indivíduo na sociedade brasileira. Os objetivos específicos que foram: analisar a história do grafite em algumas sociedades; buscou-se compreender, a partir de uma fundamentação teórica, a diferença entre o termo pichação e o termo grafite; buscou-se identificar quais os impactos e os efeitos positivos e negativos que as expressões artísticas do grafite provocam em lugares públicos.

Direcionados por tais objetivos desenvolveu-se a metodologia de natureza qualitativa, com abordagem exploratória a partir de pesquisas e leituras realizadas em materiais de teóricos e autores que tratam da temática em questão, bem como, uma análise de conteúdo após a coleta de respostas de uma entrevista semiestruturada com o artista de Caruaru, Nino do Rap, o qual se dispôs a atender às demandas desse trabalho com suas contribuições e experiências com a arte do grafite em comunidades da periferia.

Apesar dos entraves e percalços enfrentados no decorrer da construção dessa proposta, os resultados alcançados com essa pesquisa foram satisfatórios, pois atenderam aos propósitos estabelecidos em seus objetivos.

Compreende-se que a temática não se esgota, sendo assim, a proposta deste trabalho em abordar sobre essa arte e alguns aspectos que a envolve, despertou o anseio por fomentar nesse cenário uma garimpagem mais profunda sobre o assunto a fim de fortalecer desafios e retomar discussões no campo acadêmico.

REFERÊNCIAS

ABREU, Gilberto de. **Grafite x pichação**: qual a diferença? Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/artigos/2972grafitexpicha%C3%A7%C3%A3o-qual-a-diferen%C3%A7a>. Acesso em: 20/12/2020.

BARROS, Rosemara Staub de. **Teoria da percepção visual**. Disponível em: <http://ava.ufrpe.br>. Acesso em: 12/07/2021

BOURGUIGNON, Cristiane Palma, SARMENTO, Priscila Bueker. Pensando o graffiti como meio de comunicação: produção de sentidos no território simbólico – identitário da rua. **Periferia**, v.11, n.1, p. 304-324, jan/abr. 2019. Disponível em: www.publicacoes.uerj.br. Acesso em: 22/12/2020.

FUKS, Rebeca. **Tudo sobre o grafite no Brasil e no mundo (com imagens)**. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/grafite/>. Acesso em: 20/12/2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. – 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com>. Acesso em: 04/02/2021.

LOPES, Andiara Valentina de Freitas e; SIMÕES, Danielle. **Composição**. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia. Vol. 2 – Recife, 2011. Disponível em: <http://ava.ufrpe.br>. Acesso em: 12/07/2021.

MANZINI, Eduardo José. **ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA: ANÁLISE DE OBJETIVOS E DE ROTEIROS**. Depto de Educação Especial, Programa de Pós Graduação em Educação, Unesp, Marília Apoio: CNPq. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3145622/mod_resource/content/1/Entrevista%20semi%20estruturada%20estudo%20UNESP%20Mari%CC%81lia.pdf. Acesso em: 07/08/2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social**. Teoria, Método e Criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: www.faed.udesc.br. Acesso em: 04/02/2021.

PERCÍLIA, Eliene. **Grafite. A arte do Grafite**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com>. Acesso em: 21/12/2020.

SILVA, Joyce. **População vê grafite como arte urbana**. Universidade Metodista de São Paulo. Jornal Rudge Ramos. 2014. Disponível em: <http://www.metodista.br/ronline/rrjornal/populacao-ve-grafite-como-arte-urbana>. Acesso em: 22/12/2020.

SOUZA, Shannon. **Em defesa da arte de rua – O grafite como ressignificação da paisagem urbana**. 2019. Disponível em: <https://medium.com/@shannonsouza/em-defesa-da-arte-de-rua-o-grafite-como-r>

24 significado do termo da paisagem urbana-70d4d0a24ed9. Acesso em: 21/12/2020.

ANEXO

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia

GRAFITE: COMUNICANDO A VIDA EM CORES E FORMAS

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Entrevistador: Barthyra Albuquerque Pinheiro

Entrevistado: Nino do Rap – Artista de Caruaru

Instrumento da entrevista: Aparelho de smartphone – Rede social

Barthyra Rocha: Quais foram as suas primeiras pinturas como artista?

Nino do Rap: As minhas primeiras pinturas como artista foi lá no centro cultural Hip Hop família Morro Bom Jesus. Mais ou menos em 2002 e 2003, no caso... Tipo... organizando todos os espaços das oficinas da cultura hip hop e as primeiras pinturas foi no paredão da subida do Morro Bom Jesus e Bairro Centenário

Barthyra Rocha: Quais foram as questões sociais que te levaram a escolher a arte do grafite?

Nino do Rap: As questões sociais que me “fez” escolher a arte do grafite foi realmente assim... Pelo estilo diferenciado... você se expressar de uma forma diferente com um colorido, buscando o degradê da arte em cores, foi mais pelo contexto geral, porque as paredes são de cores brancas, não tem expressões nelas. Porque a arte do grafite é exposta nas paredes, no modo geral nas periferias, mas o estilo do grafite mesmo, na verdade o grafite surgiu mais para os trens e depois foi para as paredes. No contexto social as paredes têm que falar, para aquela comunidade, periferia e qualquer área social.

Barthyra Rocha: Quem foi seu mentor, para você trilhar esse caminho?

Nino do Rap: Desde criança eu sempre gostei de desenhar e pintar... Desde a primeira série. Meu primeiro desenho foi uma casinha e um carro quadrado de duas rodinhas. Eu já gostava de desenhar e admirar aquilo que eu desenhava, mas as revistas da cultura hip hop, quando saíram, nos anos 90, entre 92 e 94 começaram a sair as

revistas... Comecei a conhecer a arte do grafite, mas antes, entre 89 tinha os grupos de “breack” de Caruaru. Eles já dançavam com as roupas deles pintadas artesanalmente. Eles mesmo que desenhavam os casacos jeans e calças jeans. As revistas da cultura hip hop, me “levou” para ter um maior aprofundamento com a arte do grafite, comecei a mexer um pouco, depois conheci um rapaz chamado Bira que morava no bairro Agamenon e fazia também pinturas nas paredes, daí fomos nos aperfeiçoando... E, mentor mesmo foram as revistas de grafite e rap dos anos 90.

Barthyra Rocha: Qual era a sua visão, da grafitagem, antes de você se tornar um grafiteiro?

Nino do Rap: Na questão da minha visão de grafitar sempre achei interessante ter o conhecimento e me aprofundar mais. Nunca vi a arte da grafitagem como uma profissão, como um meio de sobrevivência... Sempre vi como uma arte de se expressar, de levar meus pensamentos e minha criatividade nas questões sociais da periferia. No caso a infraestrutura... muito precária, colocar aquilo estampado na arte do grafite. Antes de me tornar um grafiteiro, quis entender melhor o grafite para que eu pudesse me expressar nas questões sociais naquela arte, expondo na parede para as outras pessoas poderem olhar, parar em frente e ficarem refletindo e entender sobre aquela cultura da cidade que você mora e do bairro que reside.

Barthyra Rocha: Como você vê a divulgação e a disseminação da arte do grafite?

Nino do Rap: A divulgação da arte do grafite é aleatória. Por exemplo: vou passar num bairro e vejo um paredão abandonado, então, pego uma informação daquele local... A partir disso tento me expressar, para divulgar meu trabalho naquele lugar. Ainda essa disseminação da arte do grafite é muito pequena na região do agreste. Apesar, que Caruaru tinha poucos grafiteiros, mas hoje tem um grupo maior. Até porque, as maiorias das artes do grafite, as pessoas não querem dar... por exemplo, um espaço e dizer: “Façam suas artes e se expressem através dela”. Nossa região ainda determina o tema... tipo: a escola... “O que você vai desenhar aqui”? Enfim, você não consegue ter um espaço que possa expressar suas ideias e inspirações. Para a sociedade ela ainda não traz isso para o artista de rua, os artistas plásticos do grafite. Essa liberdade ainda é muito restrita, pois ainda existe a falta de informação do que de fato é a arte do grafite.

Barthyra Rocha: Em que você se inspira para fazer sua arte?

Nino do Rap: Na verdade, minha inspiração para fazer minha arte... Se eu for fazer um grafite na rua, tenho como inspiração na situação do momento que eu estiver “para mim” se expressar na parede ou numa folha ou painel. Para o grafite... um artista que me inspira... Admiro muito o Dain, artista alemão, pois conheci seu trabalho através da revista Rap Brasil, seus trabalhos são em 3D. Já, em desenho, minha inspiração é um coreano chamado Super Honey... Seus desenhos são baseados em muitos estudos, pois as pessoas acham que grafitar ou desenhar é dom, mas não vejo muito pelo dom, é mais na questão de método mesmo. Você vai praticando, estudando e evoluindo. O processo da arte é um processo muito lento, não se aprende de um dia para noite. Quanto a minha inspiração, dependo muito do meu momento, aí trago a arte diferenciada, até porque prefiro criar as artes do que copiar. E no meu pessoal, a inspiração vem também da minha família, quando estou bem tranquilo gosto bastante de desenhar minha família.

Barthyra Rocha: Você acredita que existe preconceito ainda nessa arte, e qual o papel do grafiteiro nessa situação?

Nino do Rap: Nessa situação do preconceito... ele existe, mas pelas pessoas mais velhas, por exemplo: pessoas que não têm o conhecimento. O preconceito vem mais daquilo que você não conhece da história, do que as pessoas falam. Eu vejo muito um preconceito ainda, também, em relação a divulgação. Os espaços para os grafiteiros também são limitados. Nosso papel como grafiteiro, nessa situação, é de nunca desistir. Apesar das questões sociais para interagir com a arte nas ruas, são muito pequenas. Tenho muita vontade de fazer mutirões, grupo de grafiteiros e encontros para dentro de nossa cidade, para que as pessoas saibam que o mundo todo desenha e pinta grafite. Para que as pessoas mais velhas possam entender isso. As pessoas mais novas são mais abertas, pois acham bonita e interessante, por exemplo: você está grafitando um lugar, passa um jovem e diz: “Nossa, que massa, beleza essa pichação” ... Já levando o lado da arte do grafite como uma pichação. E quando passa uma pessoa mais velha, ela já tem o olhar de discriminação, não tem nem curiosidade de perguntar o que estão criando. De repente, a polícia já pode chegar no local, porque uma pessoa denunciou sem saber o que vai ser feito, ou sem entender aquela arte. O preconceito ainda é muito grande. Não conseguimos fazer encontros porque falta apoio tanto do governo local e do governo do estado, enfim, existe uma burocracia muito grande para conseguir recursos para desenvolver as atividades

Barthyra Rocha: Quais os critérios que você utiliza para criar as formas, uso de cores? E quais métodos você utiliza?

Nino do Rap: Uso o spray, e para criar minhas artes é mais dentro do contexto das formas geométricas... Uso demais. Minhas aulas só dou dentro desse critério das formas geométricas, que é para que se entendam o critério de tudo isso, que desenhar existe os métodos, daí se dar o aperfeiçoamento “tridimensionado” de um todo, ou de letras ou de personagens. Porque, para aprender a desenhar existe uma forma, para aprender a grafitar, é outra forma, métodos diferenciados. Para o desenho eu uso as formas geométricas nessas perspectivas. Para as letras, posso usar as formas geométricas também nessas mesmas perspectivas e, também, posso “inverter elas”. Não se faz de qualquer jeito, é baseado no estudo, mesmo das formas geométricas... e as cores gosto muito de usar o preto, branco e demais cores.

Barthyra Rocha: O que devemos levar em consideração na comunicação de sua Arte?

Nino do Rap: São duas situações aqui. A primeira situação é quando vou ser um prestador de serviços ou quando vou grafitar por minha espontânea e livre vontade. Tem situações que, dependendo do momento, eu de frente do paredão, por exemplo... Se o paredão tá lá e tem na calçada está cheio de lixo, eu vou pensar na fauna, na flora e na cidade, meio ambiente... Aí começo construir meu grafite naquele espaço. De onde eu estiver, eu faço a leitura do local e vou me expor. Por outro lado, se for como prestador de serviço, vai na situação que a pessoa está me contratando, então, vou fazer o que ela quer. Sempre vou ler o espaço que estou e vou aplicar aquela conscientização para a sociedade

Barthyra Rocha: O que o grafite pode influenciar nas cidades? Essa arte é relevante?

Nino do Rap: É... mas na questão do visual mesmo, tipo... Você passa na frente de uma escola, na frente de uma empresa privada, a parede toda branca, se as pessoas que administram aquele local entendessem o quanto a arte é importante na vida de cada um de nós, como as cores vibrantes chamam a atenção.

Como por exemplo: venho dentro de um ônibus, então passo de frente de uma fábrica onde tem um paredão todo branco e eu nunca falo com a pessoa ao meu lado no ônibus. Mas se o paredão daquela fábrica está todo pintado de uma forma inspirativa, vou interagir com a pessoa que está do meu lado, falando sobre aquela arte, sobre a pintura. Acredito que o grafite pode influenciar dentro das cidades, para que as pessoas se comuniquem mais. E quanto é interessante uma pessoa falar para outra

assim: "Eu gosto da cor preta. Eu gosto da cor branca, da cor azul". Mas a pessoa está, dentro das grandes cidades e passa por frente das grandes fábricas e dos grandes centros urbanos, dos prédios de educação e encontra só parede branca ou cinza. De dez paredes se tiver uma pintada, é muito. Falta realmente oportunidade para que a arte do grafite possa influenciar cada vez mais nas cidades, dando também oportunidade de emprego. Dando oportunidade para as pessoas conhecerem lugares novos e os transeuntes se comunicarem mais. Enfim, a arte é relevante porque, ela profissionaliza as pessoas.

